

MUDANÇAS NOS SÍMBOLOS MATERIAIS DE IDENTIDADE NO PERÍODO VISIGODO A PROPÓSITO DAS FIVELAS DE CINTURÃO LIRIFORMES

Sofia LOVEGROVE

RESUMO

O trabalho que se apresenta partiu do estudo de uma fivela de cinturão de tipo liriforme, encontrada em Cascais. O cruzamento da informação bibliográfica acerca deste objecto específico com a bibliografia portuguesa e espanhola produzida sobre os objectos de adorno pessoal e das necrópoles do período visigodo, de onde a maioria deste tipo de objecto é proveniente, revelou algumas discrepâncias. Assim, foi considerado pertinente reavaliar o que havia sido escrito acerca do referido objecto, procurando apresentar dados o mais actualizados e coerentes possível.

Embora incentivado pela análise de um objecto específico - a referida fivela de Cascais - o trabalho pretende constituir uma pequena contribuição para o estudo dos objectos de adorno pessoal do período visigodo na Península Ibérica; mais especificamente, através das fivelas de cinturão de tipologia liriforme, atribuídas cronologicamente entre finais do século VI e início do século VIII. Este objecto constitui um importante elemento da cultura material pelo facto de testemunhar determinadas alterações sócio-culturais e simbólicas ocorridas durante o espaço de tempo em questão.

O artigo começa com algumas considerações em torno das atribuições cronológica e geográfica das fivelas de cinturão liriforme na Península Ibérica; segue a análise da peça proveniente de Cascais; e, por fim, são abordadas uma série de questões em torno das expressões simbólicas e materiais de identidade cultural da sociedade deste período, a propósito deste tipo de objecto de uso e adorno pessoal.

Palavras-chave: Séculos VII e VIII, necrópoles, fivelas de cinturão, expressões materiais de identidade.

ABSTRACT

The present work started off with the study of a lyre-shaped belt buckle, found in Cascais - Portugal. The consideration of the bibliographical information about this specific object together with the general Portuguese and Spanish bibliography about the objects of personal adornment and the burial sites of the Visigothic period, where this kind of object has most often been found, has revealed some discrepancies. For that reason, it was considered important to reevaluate what had been written about the aforementioned object, presenting more rigorous and up-to-date information.

Despite having been motivated by the analysis of a specific object – the belt buckle from Cascais – this work aims to be a small contribution to the study of personal adornments of the Visigothic period in the Iberian Peninsula; more specifically, through the lyre-shaped belt buckles, belonging to the period between the end of the 6th century and the beginning of the 8th. This object is an important element of the material culture because it bears witness to social, cultural and symbolic changes during this period of time.

The article begins with some considerations about the chronological and geographical provenances of the lyre-shaped belt buckles in the Iberian Peninsula; it continues with the analysis of the belt buckle from Cascais; and ends by approaching a series of issues about the symbolic and material expressions of cultural identity of the society of this period, concerning this type of personal adornment.

Keywords: 7th and 8th centuries, burial sites, belt buckles, material expressions of identity.

1. As fivelas de cinturão de tipo liriforme

O mais frequente tipo de objecto de adorno pessoal do espaço peninsular atribuído ao século VII é a fivela de cinturão liriforme, assim designada devido à sua placa em forma de lira (AREZES, 2010/11: 69; RIPOLL LÓPEZ, 1998: 127; Idem, 1999: 418). Nos estudos desenvolvidos no âmbito do Período Visigodo, é frequente conferir-se uma grande importância aos designados «romanismo» e «germanismo» no que toca às matrizes culturais que influenciaram a cultura material desta época. No entanto, relativamente aos objectos de adorno pessoal (sobretudo do século VII) deve ser tido em conta o impacto do «bizantinismo», que terá marcado as manifestações artísticas e culturais em toda a orla mediterrânica entre finais do século VI e inícios do século VIII (Idem, 1999: 420).

Inicialmente, a pesquisa bibliográfica direccionada para a investigação realizada em Portugal revelou que a tipologia liriforme de fivelas de cinturão é frequentemente definida como sendo visigótica, integrando influências bizantinas nas suas características formais. Outro aspecto comum é a sua atribuição cronológica, sensivelmente abrangendo os finais do século VI e inícios do século VIII.

Um importante estudo, embora relativamente datado, é aquele realizado por D. Fernando de Almeida e intitulado «Arte Visigótica em Portugal». O autor refere que «no séc. VII é frequente a forma do tipo romano-bizantino, chamada de escudo, com larga expansão no Mediterrâneo Oriental, de onde veio para a Península possivelmente através da Sicília, onde aparece com frequência. Dentro deste grupo surgem as fivelas de tipo liriforme, decoradas com animais, vegetais, desenhos geométricos, bem como as fivelas de placa transformada em lingueta rígida» (1962: 94). Note-se, no entanto, que esta tipologia de objecto se inseriu numa obra especificamente dedicada à

«Arte Visigótica em Portugal». Outros trabalhos identificam também as fivelas de cinturão liriformes como «manifestações de arte visigótica local, de influência bizantina, que se espalham pelo território peninsular a partir do final do século VI – inícios do VIII, ilustrando a penetração dos modelos artísticos mediterrânicos orientais» (BUGALHÃO, 2004: 106). Um dos mais actualizados estudos levados a cabo no actual território português é aquele realizado no âmbito da tese de Mestrado de Andreia Arezes, intitulado «Elementos de Adorno Altomedievicos em Portugal (Séculos V a VIII)», apresentada em 2010; bem como um artigo mais recente da mesma autora, acerca dos «Materiais de Adorno Visigóticos de Patalou – Nisa» (2010/11). Note-se, mais uma vez, a definição «visigóticos» para este conjunto de materiais.

No actual território espanhol, o número de fivelas de cinturão liriformes identificadas é significativamente superior, o que teve como consequência um maior número de estudos realizados acerca desta temática, incluindo tentativas de sistematizações e a criação de tipologias. As fivelas de cinturão liriforme representam um tipo característico do grupo III definido por Santa-Olalla (1934: 171), também designado de bizantino e cronologicamente balizado entre o início do reinado de Suintila (cerca de 621) e o colapso da monarquia visigótica (AREZES, 2010/11: 68).

Uma outra proposta foi apresentada por Gisela Ripoll López, que aponta a ocorrência de exemplares liriformes no território peninsular nos finais do século VI e, sobretudo, no século seguinte (1985: 61). Num trabalho mais recente (1998), Ripoll López integra estas fivelas de cinturão, entre outros objectos de adorno, no seu «nível V», cuja cronologia se estende entre cerca de 600/640 e 710/720. Este é considerado um dos trabalhos mais extensivos e coerentes dentro deste tema; de facto, inúmeros artigos entretanto publicados acerca de novos achados de fivelas de cinturão liriformes em Portugal e sobretudo em Espanha baseiam-se, em grande medida, nas interpretações e teorias da referida autora.

Em Mortera (Piélagos), na *cueva de las Penas*, surgiram cinco fivelas de cinturão liriformes. Os autores referem que estes objectos de adorno e uso pessoal detêm um papel de verdadeiros «fósseis-directores». Para determinar a sua cronologia, seguiram-se os critérios de Ripoll López, associando a maioria das fivelas ao seu nível V, com uma cronologia entre finais do século VII e inícios do século VIII. Segundo os autores, esta terá constituído uma comunidade rural que soube aglutinar a tradição cultural indígena e tardo-romana com a cultura material hispano-visigoda (SERNA GANCEDO *et alii*, 2005: 268, 275-76). Outras necrópoles onde foram identificadas fivelas de cinturão de placa liriforme consideradas como representativas do século VII foram as de La Indiana e de La Cabeza, em Madrid (LÓPEZ QUIROGA, 2006: 352; MORÍN DE PABLOS, 2006: 378). Na necrópole da cidade visigoda de *Cerro de la Almagra* (Mula, Murcia) foi identificado um exemplar deste tipo de adorno pessoal. Os autores associam

também esta fivela de cinturão com aquelas do nível V de Ripoll López, caracterizado por um forte «romanismo» e «bizantinismo» face ao período anterior (GONZÁLEZ FERNÁNDEZ *et alii*, 2007: 166). Numa outra necrópole, em Astorga, foi identificada uma fivela de cinturão liriforme com motivos fitomórficos, mais uma vez, atribuída ao século VII (MORÍN DE PABLOS *et alii*, 2008: 156-157). Vários outros exemplos poderiam ser apresentados, mas consideram-se estes ilustrativos da validade e importância que o trabalho desenvolvido por Ripoll López detém, ainda, no âmbito do estudo desta temática.

Um aspecto importante e que importa realçar é o facto destes estudos mais recentes, e sobretudo aqueles desenvolvidos no actual território espanhol, definirem esta tipologia de fivela de cinturão não como sendo «visigótica», mas sim e mais acertadamente, como sendo «hispano-visigoda».

1.1. Atribuições geográfica e cronológica

Em termos geográficos, a tipologia de fivela de cinturão liriforme apresenta uma ampla difusão no território compreendido pelo reino visigodo, chegando a ultrapassar os contextos da sua fixação no século VI (AREZES, 2010: 96 e 2010/11: 68). O âmbito de distribuição destas peças foi essencialmente toda a *Baetica*, o Levante peninsular, o Nordeste da *Tarraconensis* e o Norte e Centro da *Carthaginesis* (RIPOLL LÓPEZ, 1998: 178; Idem, 1999: 420).

Os objectos de adorno pessoal que integravam a indumentária deste período e no espaço em questão constituíam manufacturas hispânicas inspiradas em modelos orientais ou de tipo bizantino, o que contrasta fortemente com as produções do período anterior, que revelavam influências essencialmente centro-europeias. Este fenómeno terá estado associado à relativa unidade cultural existente no espaço mediterrânico, que terá sido propiciada pelo comércio de produtos de origem sobretudo oriental, por sua vez relacionado com a unidade económica tutelada pelo Império Bizantino (RIPOLL LÓPEZ, 1998: 60, 125, 126).

A entrada dos novos modelos orientais testemunha uma grande abertura comercial da *Hispania* no século VII. Neste contexto, importa ter em conta que as relações comerciais vigentes em época paleocristã na Península Ibérica não terão sido quebradas com a presença visigótica, mas antes ter-se-ão aprofundado devido sobretudo à estabilização do reino visigodo de Toledo (AREZES, 2010/11: 69).

Pensa-se que o lugar de produção original das fivelas de cinturão liriformes se terá localizado no *Pontus Euxinus*, com uma importante oficina situada provavelmente em Constantinopla. A partir do Império Bizantino, estas terão sido comercializadas através de importantes pontos comerciais como Ravena, Sicília e o Sul de Itália, embora não como principais objectos comerciais mas sim como materiais acessórios de um comércio muito bem

organizado. O tipo original da série de fivelas de cinturão liriforme é o designado «Trebizond», e a sua maior abundância verificou-se nas oficinas orientais bizantinas, embora se tivessem registado imitações, nomeadamente, na *Hispania*. Neste tipo de fivelas surge a representação da «fábula do Fisiólogo» com a cena de luta entre um crocodilo e uma serpente ou entre um cervo e uma serpente. Este tipo original de fivela foi encontrado em alguns pontos da Península Ibérica (Burgos, Cantábria, entre outros) (RIPOLL LÓPEZ, 1998: 130-132).

Alguns autores procuram ver na existência de objectos de carácter bizantino na Península Ibérica a evidência da presença de tropas justinianas, bem como de um *limes*. Esta ideia deriva da historiografia do século XX que defendia a existência de uma delimitação geográfica, política e comercial entre o reino visigodo e os territórios bizantinos da Península Ibérica. No entanto, esta ideia deve ser matizada à luz dos mais recentes dados arqueológicos. Os enclaves bizantinos da *Hispania* terão estado muito limitados à zona costeira, o que impede de se falar de extensos territórios e de um *limes* bem organizado. Note-se, ainda, que os objectos identificados como sendo bizantinos, com o objectivo de corroborar uma fronteira, constituem achados associados a *limitanei* dos séculos IV e V (Idem: 123, 125).

Considera-se, antes, que os referidos contactos com o mundo bizantino terão estado associados, como foi já referido, ao comércio dinâmico do Mediterrâneo e à presença de comerciantes orientais instalados, sobretudo, em zonas costeiras do Levante espanhol, como *Malaca* e *Carteia*, ou em núcleos urbanos como *Hispalis*, *Astigi* ou *Corduba*. Desta forma, os artesãos hispânicos terão conhecido as «modas» e as últimas produções mediterrânicas, tanto orientais como ocidentais, levando, numa segunda fase, à criação de imitações em grande quantidade que, apesar de terem seguido protótipos orientais, terão produzido os seus próprios modelos e séries dentro da geografia do reino visigodo de Toledo, ao longo do século VII. Numa fase final, o motivo decorativo original terá sido abandonado, adoptando-se na sua maioria a ornamentação com grifos interligados, por vezes com elementos vegetalistas, embora em muitos casos a esquematização verifique tal grau de abstracção que, sem conhecer a origem, a sua identificação torna-se muito difícil (Idem: 62, 178; Idem, 1999: 414).

Outros dados impedem também de relacionar estes produtos, sua produção e distribuição com as tropas bizantinas e respectivos enclaves peninsulares – por um lado, a sua presença em todo o território peninsular e ainda na *Narbonensis*; por outro, o facto de a maior influência comercial bizantina sobre o reino visigodo se ter verificado a partir do século VII, e não antes. O mesmo poder-se-á aplicar relativamente à chegada de outros produtos, nomeadamente, a abundante quantidade de cerâmica procedentes do Norte de África e do Mediterrâneo Oriental (Idem, 1998: 124-126).

A procura destes materiais, dado o grande número de achados arqueológicos e a distribuição massiva em

regiões que, até ao momento, eram relativamente pouco povoadas pelos visigodos (sobretudo na Bética), deve ter sido bastante elevada e a sua produção parece ter-se concentrado em pontos urbanos importantes, onde se efectuava a sua comercialização. Segundo o estudo efectuado por Ripoll López, cerca de 70% das fivelas de cinturão liriformes que se conhecem terão sido provenientes de uma oficina de fabrico relativamente próximo da região de *Hispalis* (actual cidade de Sevilha), na Bética, o que permitiu colocar a hipótese da existência de uma oficina produtiva nessa zona. Este facto não invalida a possibilidade de terem existido outras oficinas noutros pontos da Península Ibérica, embora a sua localização permaneça, até ao momento, duvidosa (GONZÁLEZ FERNÁNDEZ *et alii*, 2007: 166; LÓPEZ QUIROGA, 2006: 352; RIPOLL LÓPEZ, 1998: 60, 177; Idem, 1999: 414). Outras teorias sugerem que Toledo, enquanto capital do reino visigodo, poderá ter assumido o papel de centro de acolhimento das inovações culturais e artísticas; e artífices itinerantes poderão também ter produzido peças deste tipo, podendo a eles ter-se ficado a dever a sua ampla disseminação (AREZES, 2010/11: 69). As produções originais são datadas de meados do século VI ao final do século VII. Com base nesta cronologia, é muito provável que a produção de imitações deste tipo de objectos na Península Ibérica tenha tido início em finais do século VI, atingindo o seu ponto alto durante o século VII (GONZÁLEZ FERNÁNDEZ *et alii*, 2007: 166; RIPOLL LÓPEZ, 1998: 168, 169; YÁÑEZ, 1994: 275).

O final destas produções peninsulares não foi ainda estudado de forma aprofundada, embora seja várias vezes associado ao contexto do desembarque muçulmano nas costas meridionais da Península Ibérica. A sua entrada no espaço peninsular tem sido associada ao fim de toda uma cultura e, conseqüentemente, das respectivas produções de uso quotidiano e de uso pessoal. No entanto, é necessário matizar esta questão, dado que gostos e tendências na indumentária não terminam de um momento para o outro. De facto, relativamente à fivela de cinturão liriforme, considera-se que esta tipologia terá continuado a ser utilizada ao longo de todo o século VII e inícios do século VIII, convivendo com as primeiras fases da ocupação muçulmana. «O próprio facto de as peças soltas de alguns destes elementos poderem ser reutilizadas na composição de outros adornos, contribuiu para que o uso de placas liriformes, mesmo que incompletas, se tenha dilatado no tempo» (AREZES, 2010/11: 68). Concluindo a problemática em torno da cronologia destas peças, é necessário considerar o facto de que a maioria dos objectos foi encontrada fora do seu contexto arqueológico ou procedeu de escavações realizadas há bastante tempo, o que impede de levar as tentativas de atribuição cronológica muito mais além.

1.2. A fivela de cinturão de Cascais

A fivela ou fecho de cinturão (figura 1 em anexo) foi encontrada nas Grutas ou Furnas do Poço Velho (também

designadas Grutas de Cascais) que se situam no Largo das Grutas, na actual freguesia e concelho de Cascais¹. A gruta encontra-se já estudada e publicada em diversos trabalhos e está classificada como Imóvel de Interesse Público.

As Grutas do Poço Velho foram exploradas e escavadas em 1879 por Carlos Ribeiro. O espólio foi guardado no Museu da Comissão dos Serviços Geológicos (actual Museu do Instituto Geológico e Mineiro), onde actualmente se encontra. Em 1945 e 1947, foi promovida uma limpeza geral da gruta bem como uma escavação por Abreu Nunes, que recolheu o espólio que hoje se encontra no Museu do Conde de Castro Guimarães (Cascais), incluindo a fivela de cinturão.

Esta pertence ao conhecido grupo das fivelas liriformes. Na sua superfície é possível distinguir três partes distintas com desenhos gravados – a parte superior contém motivos rectangulares que enquadram uma série de pontos dispostos em duas filas e alternadamente; a parte central é delimitada por um sulco de motivos arredondados contendo a representação de uma ou duas aves (possivelmente grifos); e a secção inferior é arredondada com três ordens de circunferências concêntricas que se alongam em vértice para o interior da parte média. No extremo existe um botão e a parte superior contém restos de dois orifícios por onde passaria o eixo no qual se articularia a argola com fusilhão (ALMEIDA, 1962: 245).

A peça é feita de cobre e relativamente à sua dimensão, apresenta 68,50 mm de altura, 29,50 mm de largura, 8,00 mm de espessura e pesa 23,88 g. As reproduções gráficas e fotográficas mais recentes revelam algum desvanecimento dos motivos decorativos, sobretudo na parte central da fivela. Este facto poderá estar relacionado com a sua limpeza, efectuada em 2004, necessária devido ao seu deficiente estado de conservação. Para a sua descrição, recorreu-se, entre outros trabalhos, à ficha de inventário de objectos da Câmara Municipal de Cascais (BUGALHÃO, 2010)².

A fivela de cinturão foi encontrada isolada em termos cronológicos, isto é, no mesmo local não foram identificados outros materiais do período a que esta é atribuída, facto que levou à formulação de diferentes interpretações relativamente à sua proveniência. A título de exemplo, Afonso do Paço explicou esta presença na sequência de uma ou diversas violações do local, com o objectivo de encontrar objectos de valor, descartando a hipótese de este constituir um contexto funerário (PAÇO, 1942: 44; FIGUEIREDO, PAÇO, 1947: 14). Dificilmente se poderá chegar a conclusões definitivas quanto a esta problemática.

A fivela de cinturão de Cascais surge mencionada em diversas obras e artigos, e uma característica comum

consiste na sua definição como sendo visigótica (ALMEIDA, 1962: 245; BUGALHÃO, 2010: 1; CARDOSO, 1991: 53; FIGUEIREDO e PAÇO, 1947: 14; PAÇO, 1942: 44). Dada a sua provável descontextualização arqueológica, foi necessário recorrer a paralelos, tanto do actual território português, como espanhol, de modo a realizar um estudo mais aprofundado desta peça. Para além de Cascais, outras regiões do actual território português forneceram estes materiais, nomeadamente, S. Caetano (Chaves), Fontalva (Elvas), Salvaterra do Extremo (ALMEIDA, 1962: LXVII), entre outros (fig. 2).

A pesquisa bibliográfica permitiu constatar, em primeiro lugar, que estes objectos surgem, na sua maioria, associados a contextos funerários. Em segundo lugar, esta procura de paralelos rapidamente revelou uma divergência a nível da identidade social e cultural que tem sido atribuída à fivela de cinturão de Cascais – os trabalhos portugueses tendem a considerar esta tipologia de objecto de adorno pessoal como sendo «visigótica»; os estudos realizados em Espanha optam por uma atribuição mais rigorosa, considerando-a «hispano-visigoda». Este facto levantou a necessidade de reavaliar e aprofundar o que já havia sido escrito sobre esta fivela específica e sobre esta tipologia de fivelas no geral e, a propósito das mesmas, tecer algumas considerações em torno da atribuição cultural das fivelas de cinturão liriformes e o que estas poderão testemunhar ao nível da sociedade que as utilizava e, mais especificamente, das alterações sócio-culturais verificadas ao longo do Período Visigodo na Península Ibérica. Importou ainda reflectir acerca da relação dos objectos de adorno pessoal e os contextos funerários.

Apesar de constituir um grupo relativamente homogéneo, as fivelas de cinturão liriformes apresentam certas distinções, não apenas na forma mas também na sua decoração. Na colecção de Sevilha estudada por Ripoll López foram definidos sete tipos, sendo atribuído a cada qual uma letra específica, do «A» ao «H» (RIPOLL LÓPEZ, 1998: 132). Não importa aprofundar as características específicas de cada tipo; basta referir que a fivela de cinturão das Grutas do Poço Velho se insere no «Tipo C», que constitui o mais abundante (fig. 3). Este tipo apresenta dimensões relativamente grandes e integra na sua forma um destaque através de pequenas incisões e apêndices, de forma a marcar as diferentes partes da placa e os registos do campo ornamental. O extremo distal é cordiforme; a zona central apresenta um duplo registo almendriforme; e o extremo proximal oferece um lado recto. Tal como os restantes grupos, este surge na Meseta castelhana, na zona cantábrica e no litoral central do actual território português (Idem: 134-139).

Os registos almendriformes no centro da placa oferecem, geralmente, uma decoração vegetalista esquematizada e intercalada com outro motivo – a cabeça de um grifo. A presença de grifos na torçética deste período não é desconhecida quando se detectam influências das oficinas bizantinas que, por sua vez, haviam estabelecido contactos com oficinas orientais. O grifo foi amplamente

¹ Coordenadas geográficas: 38°42'02" N / 9°25'16" O (C.M.P., 1992, folha 429, Cascais, esc. 1:25000).

² Gentilmente cedida pela Doutora Jacinta Bugalhão.

utilizado como motivo ornamental não apenas nas peças de adorno pessoal, mas também em objectos móveis como jarras ou pratos, no Mediterrâneo Oriental e na zona danubiana dos Cárpatos (Idem: 154-156).

Na Península Ibérica é comum encontrar representações distorcidas de grifos, formando parte de desenhos vegetalistas. A continuidade iconográfica entre os materiais do fim do século VI e aqueles do século VII é demonstrado pela decoração nas fivelas de cinturão liriformes com desenhos esquemáticos ou grifos representados de diferentes formas (Idem, 1999: 419). No caso da fivela de cinturão proveniente de Cascais e como foi já descrito, um ou mesmo dois grifos parecem estar representados no centro da sua placa.

Relativamente ao modo de produção, considerava-se que estes objectos teriam sido feitos em bronze, através do método de fundição em cera. Uma outra hipótese mais recente aponta um procedimento mais simples e menos dispendioso – o fabrico em série através da utilização de moldes bivalves com impressão em areia (AREZES, 2010: 97 e 2010/11: 68; MORÍN DE PABLOS, 2006: 378-79).

2. As fivelas de cinturão liriformes enquanto símbolos e expressões materiais de identidade

«A existência de marcadores e sinais era importante no passado e detinha um papel activo nas dinâmicas sociais. E mesmo que a identificação do seu significado não seja sempre fácil, não se pode simplesmente ignorar a sua importância»³ (QUIRÓS CASTILLO, 2011: 13). Partindo desta afirmação, será relevante procurar compreender aquilo que as fivelas de cinturão liriforme testemunham relativamente à sociedade e cultura peninsulares, bem como à sua expressão material de identidade, entre finais do século VI e inícios do século VIII, com especial ênfase durante o século VII.

Em primeiro lugar, é necessário reforçar o facto de que este tipo de fivela (tal como a generalidade de objectos de adorno pessoal) foi encontrado, na sua maioria, em contextos funerários. A escavação de uma necrópole permite abordar três realidades diversas – o(s) defunto(s) através dos seus restos ósseos; as crenças religiosas do período, visto que morte e religião formam um binómio quase inseparável em todas as culturas; e a realidade material da época (MORÍN DE PABLOS *et alii*, 2008: 149). De facto, «[...] as sepulturas não representam despojos ou produtos inconscientes da sociedade. Neste sentido, um enterramento, à semelhança de um texto escrito, assume-se como produto de uma actividade mental consciente e, como tal, sujeito a muitos problemas de interpretação e análise» (AREZES, 2010: 39).

Neste contexto, a atenção conferida aos elementos da torêutica constituiu uma tradição de carácter histórico-cultural, através da qual este tipo de objectos tem sido

concebido como «fóssil-director» das necrópoles, bem como expressão em si mesma de influências estéticas (neste caso, germânicas ou mediterrânicas) e suposta demonstração da difusão de determinados aspectos culturais (MUÑIZ JAÉN, BRAVO CARRASCO, 2000: 189).

As fivelas de cinturão detinham um papel funcional, meramente decorativo ou ambos. À excepção de uma mera funcionalidade prática, são vários os motivos que terão levado determinado indivíduo ou conjunto de indivíduos a utilizar objectos de adorno: criação de imagem pessoal, identificação com um grupo específico, expressão de determinada simbologia, exibição de um sinal de prestígio, poder, tradição, posição social. Por este motivo, os objectos de adorno foram depositados com os defuntos nos mais variados contextos geográficos e cronológicos, como símbolos para os vivos e perpetuadores de identidades.

Entenda-se o termo «símbolo» como «objecto ou padrão que, qualquer que seja a razão, opera entre os homens, e neles causa efeitos, para além do reconhecimento que é literalmente apresentado nessa determinada forma» (RIPOLL LÓPEZ, 1999: 403). Neste sentido, os enterramentos poderão ser vistos como um «meio de comunicação», fornecendo informações acerca da identidade do defunto e das suas crenças, simbologias e ideologias. A partir de uma análise de conjunto das várias sepulturas, necrópoles e respectivo espólio funerário, é também possível retirar conclusões de carácter mais geral, acerca da sociedade a que determinado indivíduo pertencera.

Em segundo lugar, foi possível identificar uma mudança sócio-cultural que se terá verificado no território peninsular sobretudo durante o século VII, e que se encontra atestada nas fivelas de cinturão liriforme. Entre a entrada dos povos designados «bárbaros» na Península Ibérica, no século V, e até ao século VIII, verificou-se uma série de alterações ao nível simbólico que, por sua vez, se reflectem na cultura material e, sobretudo, no espólio funerário. Considera-se que os objectos de uso e adorno pessoal (entre os quais se destacam as fíbulas e as fivelas de cinturão) entre os finais do século V e a segunda metade do século VI, identificados no espaço peninsular, representam os únicos elementos que podem ser considerados como sinais de expressão da identidade visigoda (Idem: 412). Como foi já referido, as produções artísticas posteriores a meados do século VI terão começado a evidenciar alterações e uma clara penetração dos modelos artísticos mediterrânicos, mais especificamente, dos produtos bizantinos, ao contrário dos objectos de adorno pessoal de cronologia anterior, centro-europeus (Idem: 414-426).

Assim, parece que nos finais do século VI e durante todo o século VII se terá registado uma mudança a nível das manifestações simbólicas e materiais de identidade. A partir dos finais do século VI, os objectos de adorno pessoal, com especial destaque para as fivelas de cinturão liriformes, terão deixado de actuar como

³ Tradução livre da autora.

elemento de identificação e diferenciação cultural, passando a constituir evidência de um processo de aculturação que se verificou entre os indivíduos visigodos e as populações autóctones. Estes objectos não deveriam ser definidos como sendo visigóticos, como surge ainda, por vezes, na bibliografia, mas sim hispano-visigodos ou genericamente atribuídos ao período visigodo. Este aspecto deve ser tido em conta relativamente à fivela de cinturão proveniente de Cascais que, como foi já mencionado, continua frequentemente a ser caracterizada de «visigótica» ou «visigoda», quando o mais rigoroso seria de «hispano-visigoda».

Esta alteração do que se poderá considerar a matriz cultural peninsular deste período ter-se-á processado num momento histórico difícil de definir a partir do registo arqueológico, mas considera-se muito provável que tenha estado relacionado com quatro fenómenos diferentes mas interligados. O primeiro constitui a anulação da legislação que proibia a realização de casamentos mistos, disposição legislativa que mantinha apartados, até finais do século VI, os indivíduos visigodos e os indivíduos hispano-romanos, já presentes no território peninsular aquando da chegada dos primeiros. Impulsionada por Leovigildo em finais do século VI, esta constituiu uma medida com vista à unidade demográfica peninsular (AREZES, 2010/11: 68). Assim, ao período entre inícios do século VII e o começo do século seguinte, passou a corresponder uma sociedade em que deixara de ser possível fazer uma diferenciação entre uma população hispano-romana e outra de origem visigoda. Esta passou a constituir uma sociedade relativamente homogénea, designada pelos investigadores espanhóis de «hispano-visigoda». Esta homogeneidade, tanto do ponto de vista social como cultural e artística, encontra-se testemunhada nos objectos de adorno pessoal produzidos neste período (RIPOLL LÓPEZ, 1998: 60, 268). Esta «fusão» entre hispano-romanos e visigodos encontra-se atestada por meio das evidências arqueológicas recolhidas sobretudo em contextos funerários, nomeadamente em espaços rurais dado que, em meio urbano, este cruzamento populacional é difícil de determinar (AREZES, 2010: 39, 40).

O segundo destes fenómenos constitui a celebração, em 589, do III Concílio de Toledo, que marcou o abandono do Arianismo por parte da coroa visigoda e a sua conversão oficial ao Catolicismo (BENNETT, HOLLISTER, 2006: 55). Tanto este procedimento como o anterior, desencadeados pelos monarcas Leovigildo e o seu filho Recaredo, reflectem uma intenção política de consolidar e centralizar o poder de um reino que se revelava excessivamente fragmentado pelas diferenças sobre as quais se fundara (AREZES, 2010/11: 68). Este período de consolidação do reino visigodo caracterizou-se, ainda, pela adopção de uma política de aproximação, ou até imitação, do Império Romano (nesta altura centrado no Oriente), possivelmente numa tentativa de afirmação da monarquia visigoda⁴.

⁴ Um bom exemplo disso é a cunhagem de moedas visigodas, que apresentam uma clara imitação dos modelos bizantinos imperiais.

Esta «unificação» social e religiosa, tanto da população peninsular urbana como rural, promovida pelos referidos monarcas visigodos, veio a actuar como um factor determinante neste processo de aculturação e de alguma «homogeneização», tornando a monarquia visigoda visivelmente mais permeável às influências clássicas e orientais. Os símbolos responsáveis pela criação e afirmação de identidade terão começado nesta altura a ser comuns a toda a Cristandade mediterrânica ocidental (RIPOLL LÓPEZ, 1999: 420). Esta aculturação terá acabado por se traduzir, indirectamente, na uniformização de alguns costumes e até mesmo no modo como hispano-romanos e visigodos se adornavam e compunham a sua indumentária, o que explica o aproveitamento comum de elementos que terão deixado de se assumir como diferenciadores (AREZES, 2010: 40; Idem, 2010/11: 68).

Sobretudo a conversão a uma única fé por parte do reino visigodo, assumiu uma grande importância pois, ao serem estabelecidas liberdades legais e teóricas, ter-se-á verificado uma renovação das concepções funerárias. Assim, à medida que se ia concretizando esta unificação ou cruzamento entre visigodos e hispano-romanos, ter-se-á assistido a uma gradual perda da necessidade da existência, em paralelo, de dois tipos de necrópoles distintos – por um lado, as de tradição germânica, associadas aos indivíduos que haviam penetrado na Península Ibérica durante o período das etno-migrações e que denotavam um modo muito particular de organização dos espaços de enterramento; por outro, as de tradição romano-cristã, correspondentes a indivíduos hispano-romanos, onde se revelavam enraizadas as concepções e o substrato local de carácter romanos (AREZES, 2010: 40, 41). Este fenómeno encontra-se também evidenciado no progressivo abandono das necrópoles visigodas da Meseta castelhana, durante o reinado de Recaredo (por exemplo, de El Carpio de Tajo, em Toledo; de Herrera de Pisuerga, em Palência) (RIPOLL LÓPEZ, 1998: 126, 170).

A hipótese de as influências bizantinas sobre as fivelas de cinturão de tipo liriforme serem posteriores ao III Concílio de Toledo é fraca, visto que, do ponto de vista arqueológico, tal não pode ser comprovado. Apenas a distribuição geográfica destas fivelas de cinturão no território peninsular poderá permitir considerar que os casamentos mistos estavam já largamente difundidos e que nenhuma diferenciação étnica e indumentária poderia ser efectuada entre as comunidades da Península Ibérica. O estudo aprofundado dos objectos de adorno pessoal, associado ao estudo do desenvolvimento artístico – arquitectura, escultura e ourivesaria – confirmam o início de um período cuja cultura material se caracteriza pela relativa homogeneidade. Esta homogeneidade é visível em todo o espaço peninsular, embora particularmente em zonas costeiras e abertas ao Mediterrânico (RIPOLL LÓPEZ, 1998: 127).

Se esta teoria, atribuída a Ripoll López, estiver correcta, e as evidências arqueológicas assim o parecem corroborar,

poder-se-á considerar que se está perante uma mudança de mentalidade, reflectida numa alteração dos símbolos que permitem associar determinado indivíduo ou comunidade a uma identidade específica. No entanto, considera-se que esta mudança não deve ter sido operada apenas devido à influência do Catolicismo, mas que os rituais funerários e a deposição de determinado tipo de objectos nas sepulturas terão sido abandonados gradualmente quando a sua função simbólica se terá tornado redundante, devido ao terceiro fenómeno que importa apresentar. Este refere-se à relativa estabilização social e política da sociedade durante o reinado de Recaredo. De facto, o período entre os finais do século VI e o século VII parece ter verificado uma certa estabilidade económica e cultural depois das vicissitudes da implantação da sede régia, das diferentes revoltas e da presença militar bizantina (Idem: 266; Idem, 1999: 421). Por último, importa considerar a existência de amplas redes comerciais mediterrânicas que terão facilitado uma grande e rápida circulação de pessoas, materiais e ideias.

Deste modo, através dos objectos de adorno pessoal será possível compreender a composição social da sociedade peninsular do século VI e, sobretudo, do século VII, caracterizada, essencialmente, pela homogeneidade e pela ausência de sinais específicos de uma identidade visigoda. Os símbolos associados à população peninsular deste período passaram a ser, genericamente, comuns ao mundo Mediterrâneo da Cristandade Ocidental. A ampla distribuição dos objectos de adorno pessoal, e sobretudo das fivelas de cinturão liriformes no espaço peninsular poderá constituir evidência de que os casamentos mistos eram já comuns e que não se podia fazer uma diferenciação entre os dois principais grupos constituintes da população (hispano-romana e visigodos), através das suas formas de vestir (Idem: 420).

Assim, poder-se-á concluir que a situação na viragem do século VI para o século VII, no que toca aos sinais de identidade, se encontrava num claro estado de mudança, devido aos factores já apresentados. Os símbolos constituem sistemas de valor moral e espiritual, e se estes se encontram num processo de mudança, tal significa que a sociedade em si encontra-se também em mutação. Os sinais de identidade dos visigodos no século VI, representados por objectos de adorno pessoal, terão alterado o seu conteúdo simbólico no século VII e terão deixado de actuar como um elemento diferenciador entre dois grupos no seio da população peninsular (MORÍN DE PABLOS *et alii*, 2008: 169; RIPOLL LÓPEZ, 1999: 421).

3. Anexos

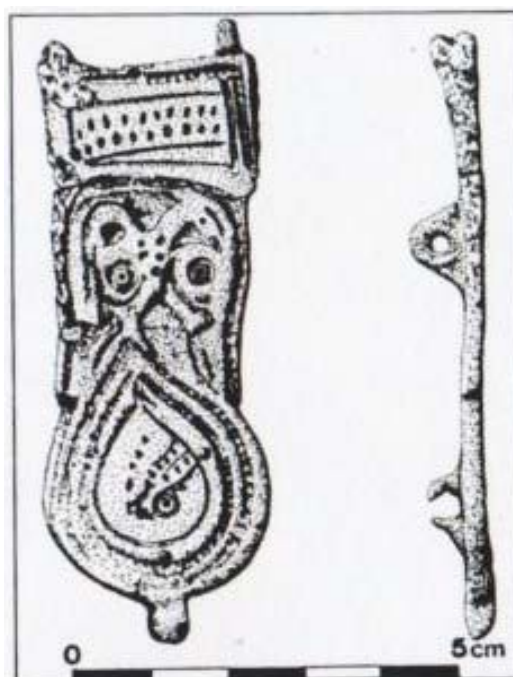


Figura 1 – Desenho da fivela de cinturão das grutas do Poço Velho, Cascais (CARDOSO, 1991: 53).

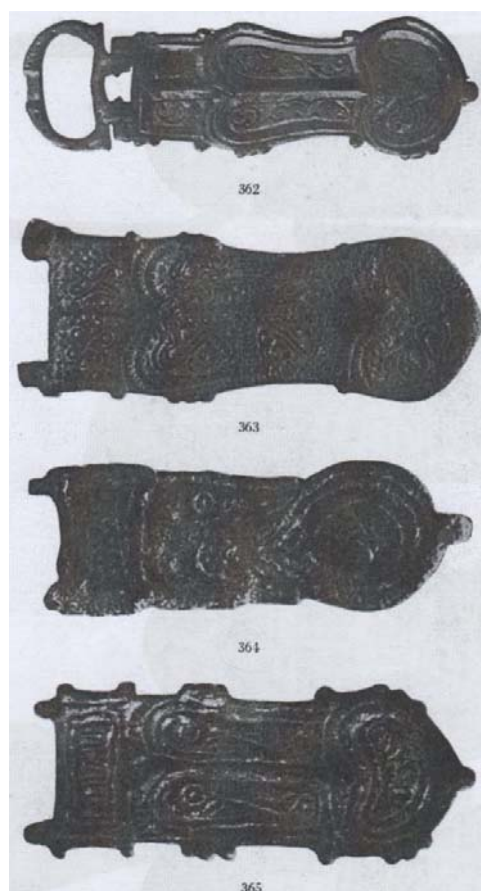


Figura 2 – «Fig. 362 – Chaves (M. Martins Sarmiento, seg. Mário Cardozo); Fig. 363 – Fontalva, Elvas (M. dos Serviços Geológicos); Fig. 364 – Cascais (Museu); Fig. 365 – Salvaterra do Extremo (M. Etnol.)» (ALMEIDA, 1962: LXVII).

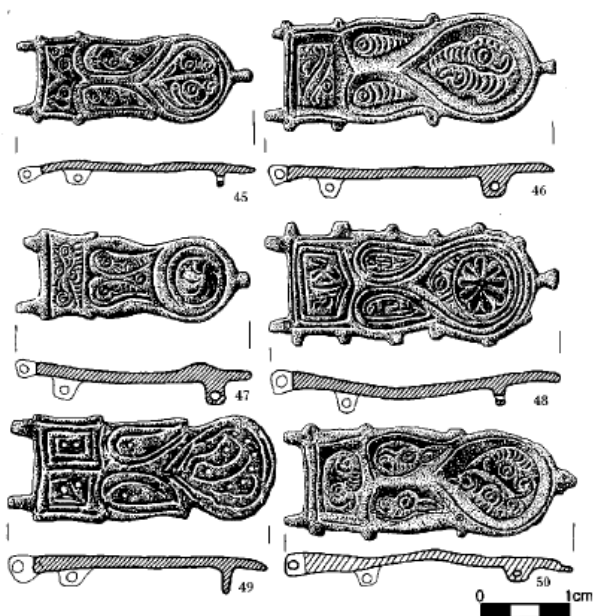


Figura 3 – Exemplos de fivelas de cinturão lirriforme do «Tipo C» (RIPOLL LÓPEZ, 1998: 139).

4. Bibliografia

- ALMEIDA, D. Fernando de (1962) - Arte visigótica em Portugal. *Separata de O Arqueólogo Português*. Nova série, 4, Lisboa: MNA.
- AREZES, Andreia (2010) – *Elementos de Adorno Altomedievicos em Portugal (Séculos V a VIII)*. [dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto].
- AREZES, Andreia (2010/11) – Materiais de Adorno Visigóticos de Patalou – Nisa. *Portvgalia*, Nova Série, vol. 31-32. Porto: DCTP-FLUP, pp. 65-82.
- BENNETT, Judith M.; HOLLISTER, C. Warren (2006) – *Medieval Europe. A Short History*. 10ª Ed. McGraw-Hill International Edition.
- BUGALHÃO, Jacinta (2004) – O abrigo tardo-romano da Vinagreira, Elvas. In *Arqueologia na rede de transporte de gás: 10 anos de investigação*. Trabalhos de Arqueologia. Lisboa: IPA, pp. 97-108.
- BUGALHÃO, Jacinta (2010) – *Inventário: Objectos*, nº PV. 203. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.
- CARDOSO, Guilherme (1991) – *Carta Arqueológica do Concelho de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.
- FIGUEIREDO, Fausto J. A. de; PAÇO, Afonso do (1947) – Placa de cinturão, visigótica, das grutas de Cascais. In *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*. Tomo XXII, cuadernos 1-4. Madrid: [s.n.].
- GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, Rafael; FERNÁNDEZ MATA LLANA, Francisco (2007) – Nuevas placas de cinturón procedentes de la ciudad visigoda del Cerro de la Almagra (Mula, Murcia). *Mastia*, 6, Cartagena: Museu Arqueológico Municipal de Cartagena, pp. 165-179.
- LÓPEZ QUIROGA, Jorge (2006) – Dónde vivían los “Germanos”? Poblamiento, hábitat y mundo funerario en el occidente europeo entre los siglos V y VIII. Balance historiográfico, problemas y perspectivas desde el centro del reino “Godo” de Toledo. *Zona Arqueológica. Investigación Arqueológica de la Época Visigoda en la Comunidad de Madrid*. Nº 8, vol. II, pp. 308-364.
- MORÍN DE PABLOS, Jorge *et alii* (2006) – La necrópolis hispanovisigoda de La Indiana (Pinto, Madrid). *Zona Arqueológica. Investigación Arqueológica de la Época Visigoda en la Comunidad de Madrid*. Nº 8, vol. II, pp. 567-579.
- MORÍN DE PABLOS, Jorge; BARROSO CABRERA, Rafael (2008) – El mundo funerario. De las necrópolis tardorromanas a los cementerios hispanovisigodos en el oeste peninsular. *Zona Arqueológica. El tiempo de los “Bárbaros”. Pervivencia y transformación en Galia e Hispania (ss. V-VI d.C.)*. [s.l.]: Museu Arqueológico Regional, pp. 148 – 180.
- MUÑIZ JAÉN, Ignacio; BRAVO CARRASCO, Antonio (2000) – La Toréutica en la necrópolis tardorromana y de época visigoda de El Ruedo (Almedinilla-Córdoba). *Antiquitas*, nº 11-12, Córdoba: M. H. M. Priego Córdoba, pp. 189 – 199.
- PAÇO, Afonso do (1942) – As grutas do Poço Velho ou de Cascais. In *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Tomo XXII. Lisboa.
- QUIRÓS CASTILLO, Juan Antonio (2011) – Trends and thoughts on the archaeology of Germanic cemeteries. *Arqueología y Territorio Medieval*. Nº 18, Jaén: Universidade de Jaén., pp. 9-14.
- RIPOLL LÓPEZ, Gisela (1985) – *La necrópolis visigoda de El Carpio de Tajo (Toledo)*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- RIPOLL LÓPEZ, Gisela (1998) – *Toréutica de la Bética (siglos VI y VII d.C.)*. Barcelona: Reial Acadèmia de Bones Lletres.
- RIPOLL LÓPEZ, Gisela (1999) - Symbolic life and signs of identity in Visigothic times. In HEATHER, Peter, ed. - *The Visigoths from the migration period to the seventh century, an ethnographic perspective*. Woodbridge: The Boydell Press, pp. 403-431.
- SANTA-OLALLA, J. M. (1934) – Notas para un ensayo de sistematización de la arqueología visigoda en España. Períodos godo y visigodo. *Archivo Español de Arte y Aqueología*, nº 29, pp. 139-176.
- SERNA GANCEDO, Mariano *et alii* (2005) – Broches de cinturón hispanovisigodos y otros materiales tardoantiguos de la cueva de Las Penas (Mortera, Piélagos). *Sautuola XI*. Santander: Instituto de Prehistoria y Arqueología Sautuola, pp. 247-277.
- YÁÑEZ, G. I. (1994) – Excavaciones en el conjunto funerario de época hispano-visigoda de la Cabeza (La Cabrera, Madrid). *Pyrenae*, 25. Barcelona. Universitat de Barcelona, pp. 259 – 287.